

# OBJETIVIDADE E MÉTODO: POSITIVISMO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS EM WEBER E BACHELARD



**Dhanyane Alves Castro**

*Universidade Federal da Bahia – UFBA – Brasil*



## **Resumo**

Este artigo visa compreender elementos teóricos identificados em Bachelard e em Weber, considerados relevantes para se refletir sobre a elaboração de conhecimento científico nas ciências sociais. Estes elementos são a objetividade - a relação entre sujeito e objeto é fundamental - e o método vistos a partir de defesas teóricas que cada um dos autores fizeram em suas obras. A comparação dos elementos que se relacionam, objetividade e método nos autores em tela, é central na explanação sobre aproximações ou distanciamentos de Weber e Bachelard ao positivismo. Esclarece-se que a objetividade e o método estão imbricados, sendo que a maneira como se entende um, modifica consequentemente a forma como se vê o outro. Na mesma direção, há neste artigo a defesa da aproximação das reflexões elaboradas pela filosofia sobre a ciência, e a produção de conhecimento proposta e colocada em prática pelas ciências sociais. A “separação” que se faz adiante para a compreensão desses elementos em Bachelard e Weber é apenas um esforço didático de apresentação das ideias dos autores.

**Palavras-chave:** Ciências sociais. Filosofia. Objetividade. Objeto. Sujeito e método.

## **Introdução**

As ciências que se dedicam a explicar e compreender as relações existentes entre seres sociais lidam constantemente com questões que passam pelo entendimento da abordagem ao objeto, da relação entre sujeito e objeto e do método que se lança mão para produzir conhecimento científico nas ciências sociais. Normalmente, a indagação e crítica nas ciências sociais desses três elementos e de como eles devem ou podem se relacionar tem como referência o positivismo. Ou seja, ainda é frequente ao se fazer ponderações sobre sujeito, objeto e método, ter como parâmetro para o diálogo, a influência marcante do positivismo nas ciências sociais.

Dessa maneira, serão identificados em Bachelard e em Weber dois elementos, quais sejam, a objetividade e o método, considerados relevantes para se refletir sobre a elaboração de conhecimento científico nas ciências sociais. Por meio da comparação de como objetividade e

método se relacionam nos autores em tela é possível apontar aproximações ou distanciamentos de Weber e Bachelard ao positivismo. A objetividade e o método estão imbricados, sendo que a maneira como se entende um, modifica conseqüentemente a forma como se vê o outro. Ao se indagar sobre objetividade e método, também são abordadas reflexões elaboradas pela filosofia sobre a ciência e a produção de conhecimento proposta e colocada em prática pelas ciências sociais.

Neste “exercício” comparativo entre Bachelard e Weber pode-se observar no decorrer do texto que optou-se por enfatizar afinidades e diferenças que vão sendo apresentadas e discutidas em torno dos temas centrais, quais sejam, a objetividade e o método. Há a certeza que muitas reflexões não serão contempladas, contudo, esclarece-se que isso ocorreu não devido à menor importância de outros recortes não aqui presentes, mas que foi necessário fazer opções para que este trabalho pudesse ser apreciado.

É imprescindível o diálogo permanente entre a filosofia e as ciências sociais. A reflexão aqui realizada pode contribuir para o amadurecimento desse diálogo. Com a finalidade de aproximar os conhecimentos elaborados pela filosofia da ciência e as ciências, Bachelard (1996) se dedicou a pensar uma filosofia da ciência que fosse capaz de sofrer modificações para que pudessem dialogar com as ciências contemporâneas. Será visto mais adiante que Bachelard é defensor de que os métodos de investigação científica não sejam estáveis e fixos. Ele postula que os métodos devem se adaptar aos objetos e às diferentes descobertas da ciência. Em sua obra *Epistemologia* ele propõe uma dinamologia em vez de uma ontologia.

Em suma em lugar de uma existência na raiz do ser, no repouso de uma natural perseverança no ser, a ciência propõe-nos um existencialismo pela ação enérgica do ser pensante. (...) Quando um existencialista célebre nos confessa tranquilamente: «O movimento é uma doença do ser», respondo-lhe: o ser é uma obstrução do movimento, uma paragem, uma vagatura. Um vazio. E veio a necessidade de uma inversão radical da fenomenologia do ser humano, de modo a descrever o ser humano como promoção de ser, na sua *tensão essencial*. Substituindo sistematicamente toda a ontologia por uma dinamologia (BACHELARD, 2006, p. 22).

O desenvolvimento das ciências sociais como ciência, por diferentes motivos, afastou-se radicalmente da filosofia. Ao se ler autores como Weber (1974), parece que as ciências sociais são, por meio de um discurso que esconde suas bases das possibilidades de conhecer, independentes das reflexões realizadas pela filosofia acerca desse conhecer, por exemplo. Parte desses motivos está fortemente vinculada à influência que a corrente positivista

teve e tem na consolidação das ciências sociais.

Segundo Giddens (1995) o termo positivismo é utilizado normalmente em dois sentidos, um mais específico e outro mais geral. Importa aqui o sentido mais geral que de acordo com o autor apresenta perspectivas conexas comuns a autores que se intitulam ou não autores positivistas. Essas perspectivas comuns são: a tese de que a realidade consiste em impressões sensíveis; a aversão à metafísica (sofismo ou ilusão); o apelo à filosofia da ciência como método de análise devidamente separada das descobertas da ciência; a dualidade entre fato e valor; e a noção da unidade da ciência que afirma o compartilhamento de uma lógica metodológica comum entre as ciências naturais e sociais. Para norte das ponderações aqui apresentadas sobre objetividade e método, enfatiza-se o diálogo com as perspectivas do apelo à filosofia da ciência como método de análise separada das descobertas da ciência e a defesa de uma lógica metodológica comum às ciências.

Defende-se que Weber, autor importante na teoria sociológica, em suas pesquisas e teorias tentou eliminar as reflexões da filosofia sobre as condições de se conhecer. Afirma-se tentou, porque pensa-se que sua tentativa não alcançou êxito, já que se parte aqui do pressuposto de que só é possível produzir conhecimento científico se já se parte, explícita ou implicitamente, de uma tomada de posição acerca de alguma perspectiva filosófica que reflita sobre as condições de se conhecer. O positivismo valoriza a teoria da ciência em detrimento da teoria do conhecimento. Pode-se afirmar, então, que Bachelard, por defender uma filosofia da ciência diferenciada está assim como Weber, afastando a reflexão acerca da teoria do conhecimento? Acredita-se que não. Mais à frente será possível observar que Bachelard, ao pensar sobre a objetividade das ciências, introduz em sua teoria aspectos que se leva a refletir não apenas sobre a ciência, mas também sobre a nossa possibilidade do conhecer e até onde isso é possível. A esse respeito, Kant aceitou a forma da ciência moderna como ponto de partida para uma investigação sobre as composições de possíveis objetos de um conhecimento analítico-causal. Já o positivismo se perde quanto a isto, não devido ao fato de a ciência moderna não apresentar de modo algum o problema do sentido do saber, mas porque o positivismo já trabalha com o pressuposto do saber (HABERMAS, 1987, p.89). Nessa direção, Bachelard afirma sua origem kantiana, embora se distancie em outros aspectos que ele mesmo destaca. A este exemplo, tem-se sua posição acerca dos métodos e sua relação com o objeto de investigação. Em Weber também é possível enxergar a influência kantiana, embora ele mesmo tenha se esquivado das reflexões filosóficas dessa origem. Tanto Bachelard como Weber acreditam na proposição kantiana de dualidade entre realidade e conceito. Considera-se que essa reflexão filosófica é explícita em Bachelard, já em Weber é um exercício filosófico a ser

realizado pelo seu leitor.

Weber (1991) em *Economia e Sociedade* apresenta sua posição em relação à metafísica. Ao discursar sobre o significado de “sentido” o autor afirma que este é o sentido subjetivamente visado na realidade ou num tipo puro conceitualmente. Weber (1991) afirma que não se trata de um sentido objetivamente correto ou de um sentido verdadeiro obtido por metafísica. O autor afirma que é exatamente nisso que reside a diferença entre as ciências empíricas da ação e toda as ciências dogmáticas, a Ética e a estética, por exemplo, que visam investigar em seus objetos o sentido correto e válido. Weber argumenta que essas ciências dogmáticas contêm forte conteúdo de atribuição de valor, característica para ele nefasta à ciência objetiva, que deve se dedicar aos fatos e não aos valores. Essa asserção pode ser facilmente identificada na obra “*Sobre a teoria das ciências sociais*”.

Não se quer demarcar a posição de Weber em uma corrente epistemológica de conhecimento, por exemplo, se ele é ou não positivista, mas discutir determinadas posições que nos auxiliem compreender o conhecer proposto por Weber. Considera-se, de forma geral, que ele tem escolhas epistemológicas que o aproximam e o distanciam de um positivismo nas ciências sociais. Neste artigo dar-se-á atenção às escolhas que o aproximam do positivismo nas ciências sociais. Com a finalidade de comparar, será abordado em Bachelard aspectos que o distancie da filosofia positivista. Lembra-se que Bachelard não pensou uma filosofia da ciência que fosse exclusiva às ciências sociais, mas para as ciências de uma forma geral. Para que se finalize a introdução com uma breve contextualização acerca do conhecer e saber dos dois autores, apresenta-se mais um trecho da obra de Weber em que delimita que ciência social ele pretende fazer.

A ciência social que aqui pretendemos praticar é uma ciência da realidade. Procuramos compreender as peculiaridades da realidade da vida que nos rodeia e na qual nos encontramos situados, para por um lado, libertarmos as relações e a significação cultural das suas diversas manifestações na sua forma atual, e por outro lado, as causas pelas quais, historicamente, se desenvolveu precisamente assim e não de qualquer outro modo (WEBER, 1974, p.47)

Conforme dito anteriormente, a separação dos dois elementos para comparação entre ambos os autores em tela neste artigo é apenas um recurso de escrita e apresentação. Partilha-se da conclusão de que esses elementos na atividade de se conhecer e sistematizar o conhecimento se interpenetram e se modificam mutuamente.

## A questão da objetividade da ciência

Neste item será abordadas como eixo geral a objetivação em Bachelard e a objetividade em Weber. Para que se possa entender como se organizam as ideias desses autores dar-se-á enfoque também à relação sujeito e objeto no conhecimento. Bachelard (1996) afirma que até o final do século XVIII acreditava-se fortemente no caráter empiricamente unificado do nosso conhecimento do real. Nessa direção, Kant afirmava que a metafísica clássica buscava a verdade, tendo por certa a plena capacidade cognitiva do sujeito diante da realidade/objeto. Kant problematiza esse sujeito que conhece a verdade de um objeto ou de uma realidade, sendo que o próprio homem, sujeito do conhecimento, pode ser colocado como um objeto de investigação que deseja conhecer o real. Pode-se dizer que com a teoria kantiana houve a problematização do sujeito que conhece a realidade. Na teoria kantiana sujeito e objeto estão separados.

Tanto Bachelard como Weber são influenciados por essa dualidade entre sujeito e objeto. Isso eles têm em comum. Os dois autores partem de um ponto comum da relação sujeito e objeto, contudo percorrem caminhos diferentes para discursar sobre a objetividade das ciências. Bachelard nas ciências em geral e Weber nas ciências sociais em específico. Em Bachelard tem-se como uma das consequências daquela dualidade a objetivação, e em Weber temos a objetividade. A separação sujeito e objeto é defendida em detrimento da separação entre realidade e conceito. Pondera-se se não poderia falar em uma não dualidade entre sujeito e objeto em Bachelard, se for considerado que o objeto é construído pelo sujeito na relação e não o objeto que se pressupõe ser real. O próprio Bachelard (1974) afirma que não é favor do dualismo cartesiano que exclui sujeito e objeto na ciência. Embora relevante, esse não é o momento para desenvolver essa problemática.

Segundo Bachelard (2006), o objeto da ciência tem por característica essencial o fato de que ele não é dado, mas deve ser construído pelo pesquisador em um processo de sistematização do conhecimento. O autor afirma, portanto, que não é a coisa que se poderá instruir diretamente o sujeito como afirmava a fé empírica. Bachelard (2006) afirma que não é o isolamento das coisas em si que determina a sua compreensão pelo sujeito. Esse isolamento faz com que o objeto perca suas propriedades substanciais.

Bachelard faz parte de um grupo de autores do pensamento contemporâneo que costuma desestabilizar as certezas da ciência moderna. Este pensamento contraverte as narrativas grandiosas, e como afirma Lyotard, desconfia dos sistemas e das teorias que foram considerados marcos da modernidade. A história tem mostrado que a verdade é circunstancial

e que intersubjetividade e a consensualidade não garantem a certeza. Dessa maneira, a certeza desaparece, passando a permanecer apenas o discurso sobre o real, restrito a um momento histórico (BARBOSA; BULCÃO, 2004).

Segundo Barbosa e Bulcão (2004) Bachelard é criador de uma concepção de imaginação inovadora. O autor é contra a defesa de que razão e imaginação são pontos que se contrapõem. O pensamento de Bachelard exalta a ruptura e a descontinuidade. A filosofia deveria ser uma filosofia do instante.

Conhecer cientificamente é, de acordo com Bachelard (2006), um contínuo processo de reforma da ilusão. O sujeito não pode ter *a priori* alguma confiança na informação que o dado imediato fornece ao sujeito. A hipótese está no que o sujeito constrói racionalmente acerca do objeto e não nos objetos em si.

A ciência, acreditava-se, era real pelos seus *objectos*, hipotética pelas *ligações* estabelecidas entre os *objectos*. À mínima contradição, à mínima dificuldade experimental abandonavam-se as hipóteses de ligação que se rotulavam de convencionais, como se uma convenção científica tivesse outro meio de ser objectiva que não fosse o carácter racional! [...] Agora, são os *objectos* que são representados por metáforas, é a sua organização que passa por realidade. Por outras palavras, o que é hipotético agora é o *nosso* fenómeno; porque a nossa captação imediata do real não actua senão como um dado confuso, provisório, convencional e esta captação fenomenológica exige inventário e classificação. Por outro lado, é a reflexão que dará um sentido ao fenómeno inicial sugerindo uma sequência orgânica de pesquisas, uma perspectiva racional de experiências (BACHELARD, 2006, p. 17).

A perspectiva racional defendida por Bachelard não defende que o *a priori* do pensamento sejam definitivos. Ele defende a permanente mudança dos argumentos e métodos racionais de conhecimento de um objeto. Bachelard (2006) afirma, de uma maneira geral, a filosofia contemporânea pouco está atenta à filosofia da ciência e às filosofias do conhecimento. Ele atribui isso ao utilitarismo que parece macular o esforço do saber. Ele se propõe colocar as suas obras a serviço dessa reflexão do saber, criticando algumas posições filosóficas que têm, segundo o autor, preguiça em relação ao entendimento da ciência contemporânea. A filosofia científica teria de destruir sistematicamente os limites que a filosofia tradicional impôs à ciência. Para uma ciência nova, há de existir uma filosofia nova.

Bachelard (2006:27) propõe que a filosofia científica renuncie ao real imediato e que auxilie a ciência na batalha contra as intuições primeiras. “*As fronteiras opressoras são fronteiras ilusórias*”. Dando continuidade a sua posição quanto à separação entre sujeito e objeto, sendo que o objeto real não é necessariamente a certeza do objeto pelo sujeito construído, Bachelard afirma na impossibilidade de uma objetividade da ciência, e afirma a

objetivação como a ação mais plausível e possível no processo de conhecer algo. O saber elaborado por meio da objetivação adquire condição provisória, já que a objetividade que defende a identidade entre o pensamento e o mundo não existe. As certezas do conhecimento são instáveis e se dão por meio de aproximações contínuas e possibilitadas concomitantemente por um modelo teórico e aplicação técnica. A exatidão não é oferecida pelo objeto, mas sim pelas funções racionais. Lembra-se que não é um racionalismo puramente formal e convencional, seria um racionalismo aplicado.

Seria errado ver no real a razão da objetividade, quando nunca se pode ter mais do que a prova de uma objetivação correta. É mais prudente não falar da objetivação do real, mas da objetivação de um pensamento à procura do real. A primeira opção está relacionada à metafísica clássica, e a segunda é mais capaz de seguir o esforço científico de um pensamento. *“Os diferentes problemas do pensamento científico deviam, portanto, receber diferentes coeficientes filosóficos”* (BACHELARD, 2006, p.28). Será visto mais à frente como é possível identificar em Bachelard (2006) um debate entre o racionalismo e o empirismo, tendo como resultado uma proposta metodológica de defesa do racionalismo aplicado/integral e do materialismo instruído.

A separação do sujeito e objeto em Bachelard que direciona à objetivação, conceito central no autor, não conduz à certeza de uma verdade inabalável e nem à neutralidade defendida pelo positivismo numa epistemologia não crítica do processo de conhecer. Visualiza-se Bachelard como um dos representantes da epistemologia crítica quanto ao conhecimento. Se a objetividade do positivismo prioriza a separação de fato e valor na ciência, a objetivação de Bachelard, mesmo partindo da separação entre sujeito e objeto, defende que o objeto, neste caso o fato, só existe em detrimento do sujeito que tem sua razão permeada de valores. Mesmo que esses valores precisem ser submetidos a “regras” da razão para serem científicos, eles não são extirpados da produção científica para garantir sua neutralidade. Os objetos (fatos em Weber) bachelardianos não são absolutos, mas sim relativos, sendo essa relação realizada no mundo racional e não no mundo empírico. Se existe uma historicidade descontínua na epistemologia e uma relatividade do objeto defendidas por Bachelard, como sustentar a neutralidade positivista? Será ponderado agora como se apresenta a discussão da objetividade e neutralidade da ciência em Weber.

Cohn (1979) afirma que Weber incorporou formulações de autores como Dilthey, Simmel, Windelband e Rickert, contudo, ele fez mudanças decisivas no que diz respeito à preocupação de ordem precisamente metodológica. *“Sua perspectiva em suma, é a do cientista prático, mais do que a do filósofo”* (COHN, 1979, p.67). As mudanças decisivas acerca da

ordem metodológica, direcionada à objetividade da ciência, gira em torno da controvérsia metodológica:

“[...] a economia deve ser concebida como ciência histórico-individualizadora e dotada de conteúdo normativo ou como ciência valorativamente neutra e voltada para a busca de determinadas regularidades gerais de ação humana. Temos aqui a contrapartida, científica e metodologicamente localizada, do persistente tema do pensamento alemão da época, do confronto entre “historicismo” e o “naturalismo positivista”(COHN, 1979, p.67).

Weber (1974), já no início de sua obra *Sobre a teoria das ciências sociais*, localiza “onde” estaria a objetividade do conhecimento nas ciências sociais. Ele argumenta, após assumir a responsabilidade pela edição da revista *Archiv fur sozialwissenschaft und sozialpolititik*, que as publicações deveriam estar, exclusivamente, sob o domínio da investigação científica. Sendo que essa investigação excluiria toda formulação de propostas de ordem prática. Atividade essa que estaria carregada de juízo de valor, deixando o campo científico e adentrando as categorias imperativas. Um cientista não teria meios para decidir, por exemplo, em uma dada situação de ordem prática, qual valor deveria ser desprezado em nome de outro valor. Essa decisão seria tomada pela pessoa dotada de vontade. Para Weber (1974) o mais diretamente acessível à atividade científica é a questão da conveniência dos meios face aos fins. Uma ciência empírica, afirma o autor, não tem aptidão para ensinar o que se deve fazer, mas sim o que se pode e em alguns momentos o que se quer fazer.

Assim proporcionamos ao sujeito actuante a possibilidade de confrontar as consequências desejadas e não desejadas de sua atuação e de responder à pergunta: quanto custa a consecução do fim proposto no que se refere ao sacrifício previsível de outros valores? Dado que, na imensa maioria dos casos, todo o fim proposto <custa> ou pelo menos pode custar algo, ninguém, por pouco que proceda com uma consciência responsável, poderá deixar de por em confronto o fim a alcançar e as consequências de sua actuação. Possibilitar este confronto é uma das funções essenciais da crítica técnica que temos considerado até esse momento. Contudo levar tais confrontos até uma decisão já não constitui realmente uma tarefa possível para a ciência, mas antes para a pessoa dotada de vontade (WEBER, 1974, p. 15)

Já que Weber (1974) defende uma distinção entre juízo de valor e saber empírico, afirma, em detrimento disso, a existência real de um tipo absolutamente válido de conhecimento nas ciências sociais. Afinal de contas, seria válido o conhecimento decorrente da ordenação racional da realidade empírica. Ele afirma, então, que a validade objetiva da verdade que as

ciências sociais busca deve ser encontrada nas relações e significação cultural das suas diversas manifestações em sua forma atual. Isso, para que se conheçam as causas pelas quais, historicamente, se desenvolveu de uma determinada forma e não de outra.

Para Weber (1974) só se consegue ter conhecimento de parte da realidade infinita que o autor afirma existir. Portanto, somente um fragmento limitado da realidade pode ser objeto de compreensão científica. Weber apresenta operações que seriam necessárias para que a compreensão de parte da realidade infinita e confusa fosse realizada. Na escolha e na compreensão de uma parte da realidade social e não de outra, o autor critica a utilização das teorias que aproximam epistemologicamente as ciências da natureza das ciências da cultura. Pode-se dizer que essa sempre foi uma das suas principais críticas ao positivismo. As ciências da natureza e sua metodologia de investigação buscam por uma exatidão no conhecimento da realidade, o que para Weber não seria possível nas ciências sociais, já que falta criticidade, essencial às ciências sociais. Para o autor o raciocínio dedutivo não daria conta de fornecer leis válidas para a compreensão e explicação dos aspectos singulares da realidade social.

Como em muitos aspectos polêmicos da metodologia defendida por Weber para alcançar a objetividade e neutralidade científica, a crítica do autor às deduções realizadas pelas teorias positivistas leva a um paradoxo quando se reflete sobre a “construção” de suas operações. Acredita-se que elas abrem espaço para serem aproximadas das operações que Weber critica, pelo menos no que diz respeito à busca pela objetividade e neutralidade por meio da maior valorização dos métodos em detrimento dos objetos. Uma dessas operações propostas por Weber seria o estabelecimento de leis e fatores (hipotéticos) com utilidade preliminar, ou seja, não seria uma premissa que apontaria uma significação, mas uma significação que constituiria uma premissa. Ele defende que as leis rigorosas não possibilitam deduzir a realidade vida cotidiana. Parece que há aqui não uma proposta de mudança que seja substancial, mas uma proposta de mudança de grau na rigorosidade das leis. Weber atribui um valor fundamental para a explicação das regularidades das conexões causais dos fenômenos sociais.

A neutralidade axiológica possui lugar central na produção de conhecimento das ciências sociais. Segundo o autor, as problemáticas das ciências empíricas devem ter respostas que preservem a neutralidade axiológica, já que os problemas não são de valor. Como foi ponderado, a separação fato e valor é central para se entender a objetividade em Weber. Não é diferente para se entender a neutralidade. Para o autor a neutralidade axiológica está baseada na clara separação entre avaliação prática e na avaliação empírica que um cientista deve fazer. A avaliação prática está no âmbito dos valores e a avaliação empírica está no âmbito da compreensão dos fatos. É importante dizer que Weber não afirma que os cientistas, ao optarem

por um problema e não por outro, fazem com isenção dos seus valores, mas deixa claro que esses valores devem ser abandonados quando o cientista está compreendendo, por meio de métodos condizentes, o referido problema cientificamente.

### **A questão do método**

Até aqui, foi possível observar que mesmo Bachelard e Weber partindo da dualidade sujeito e objeto, ou seja, da separação entre realidade e conceito, percorrem caminhos diferentes quanto a neutralidade e objetividade das ciências. Essa dualidade também está vinculada à maneira como cada um dos autores propõe um método de compreensão do mundo. Pode-se afirmar que os dois autores “valorizam” mais o método do que o objeto na investigação científica, mas não podemos dizer que o método para Bachelard e Weber se relaciona da mesma forma com o sujeito e com o objeto investigado.

A primeira situação a ser apontada diz respeito à forma como a dualidade entre sujeito e objeto se reflete na certeza do sujeito em conhecer o objeto real. Para Bachelard (2006) o conhecimento científico se dá por aproximação. O conhecimento científico é diferente do saber verdadeiro absoluto, já que é pelo conhecimento científico que a consciência aproxima-se do objeto por retificações sucessivas e constantes. Assim há a revelação das condições segundo as quais o verdadeiro pode ser extraído do falso. É sempre uma polêmica contra o erro e um contínuo questionamento dos saberes já objetivados na ciência. Para Bachelard a ciência não conhece de fato o objeto, apenas tem a certeza da aproximação. O método aqui tem, então, a função de ser um instrumento teórico e prático de aproximação do objeto. Em Weber (1974) o método também tem a função de ser um instrumento teórico e prático, contudo não se tem apenas aproximação do objeto, mas o conhecimento de parte da realidade caótica.

Para Bachelard (2006) não deve existir um único método no conhecer científico. Para o autor quanto mais se mudam os métodos, mais a ciência torna-se metódica. Dessa maneira, a multiplicação de métodos, seja qual for o nível a que esses métodos operem, jamais prejudicará a unidade da ciência. Um método científico para o autor é um método que procura o risco. Quando um método estiver seguro de sua conquista deverá se arriscar em uma nova aquisição. Diferentemente da via cartesiana, a dúvida está à frente do método e não atrás. O pensamento científico está constantemente pondo em jogo a sua própria constituição.

Conforme se disse anteriormente, a objetivação é de fato o que o sujeito está apto a realizar junto ao seu objeto de investigação. Para que essa objetivação tenha todas as características que já foram apresentadas, Bachelard (2006) afirma que o método científico deve

ser orientado tanto pelo racionalismo como pelo empirismo, mas o racionalismo seria um racionalismo aplicado ou integral, e o empirismo seria um empirismo instruído. O racionalismo aplicado não seria definido *a priori*, mas *a posteriori* em uma relação aproximativa com a experiência.

Para Bachelard, segundo Barbosa e Bulcão (2004), racionalismo e empirismo eram as duas filosofias do antigo espírito científico, compartilhavam uma mesma problemática. De um lado, a razão e do outro, o real.

Razão e realidade eram consideradas dicotômicas, uma vez que, no racionalismo tradicional, postulava-se a supremacia da razão em relação à experiência e a crença numa estrutura racional das coisas. É contra a concepção de razão como algo imutável e de um real em si que surge o novo espírito científico. Razão e real para Bachelard, são dois aspectos de uma mesma prática. O real científico deixa de ser o real captado, para ser um conjunto de fenômenos produzidos por uma experiência e pensados segundo uma estrutura matemática (BARBOSA;BULCÃO, 2004, p. 27).

Barbosa e Bulcão (2004) afirmam que Bachelard combate o entendimento de que a razão seja absoluta e contínua. Esse absolutismo e o continuísmo podem ser compreendidos como peças das filosofias do imobilismo que procuravam dar garantia à necessidade à universalidade do conhecimento científico.

A mudança na concepção do racionalismo e do empirismo só é possível graças à dialética entre teoria e experiência que autor defende e afirma existir no conhecimento científico. Essa dialética entre teoria e prática, que dá existência ao racionalismo aplicado e ao empirismo instruído, confere um conhecimento descontínuo, não linear e provisório. Não existiria um conhecimento do absoluto. O conhecimento científico não se daria por acúmulo, mas por rupturas. Por meio da discussão e do conflito é que a ciência se constitui enquanto tal. A seguir se pode observar como Bachelard (2006) pensa ser a relação razão e empiria.

É pelas aplicações que o racionalismo conquista os seus valores objectivos. Consequentemente, para julgar o pensamento científico, não se trata já de nos apoiarmos num racionalismo formal, abstracto, universal. É necessário alcançar um racionalismo concreto, solidário de experiências sempre particulares e precisas. É igualmente necessário que este racionalismo seja suficientemente *aberto* para receber da experiência determinações novas. Ao viver um pouco mais de perto esta dialética, convencemo-nos da realidade eminente dos *campos de pensamento*. Nestes campos epistemológicos permutam-se os valores do racionalismo e do experimentalismo (BACHELARD, 2006, p.121).

Em Bachelard (2006), o carácter objetivo do objeto não tange o absoluto e sim se se

aplica corretamente um método. Só que os métodos são plurais e são incertos. Aqui o pluralismo e a incerteza são partes dos fundamentos metodológicos. As verdades são plurais e historicamente produzidas. Embora se tenha em Bachelard uma intensa valorização do método em detrimento do objeto, a construção do método não vem antes da “aplicação” de um modelo teórico. A definição do método se dá ao mesmo tempo das trajetórias do racionalismo aplicado, lembrando que este é dado pela modificação recíproca da teoria e experiência. Nessa direção o método não tem a função de guiar rigidamente o processo de conhecimento científico. O método é um recurso que a razão teria para ampliar e transformar o alcance do pensar.

Bachelard acredita que uma metodologia corretamente aplicada garante o afastamento das influências subjetivas. Para Weber o método científico garante a exclusão de todo e qualquer valor do sujeito na objetividade e neutralidade científica. Em Bachelard as influências valorativas devem ser controladas, mas ela não se exclui na objetivação. A imaginação, por exemplo, constitui elemento fundamental para se pensar o que ainda não foi pensado.

O pensamento positivista está preocupado com a busca da verdade, sendo que essa verdade está de fato posta na realidade. Além disso, o método positivo postula ser o único caminho para conhecer a realidade. Para Bachelard (2006) a verdade não é reflexo do real, e sim reflexo do que se é construído sobre o real. Percebemos que Weber (1974) pensa ser possível ao sujeito ter acesso à verdade de parte da realidade. Deve-se dizer que o sujeito não tem acesso, via método científico, a todas as partes da realidade para Weber. A realidade é caótica infinita e o espírito humano é finito. Dessa forma, apenas um fragmento limitado da realidade pode, de cada vez, constituir objeto de compreensão científica. Só a parte é digna de ser conhecida. A possibilidade de conhecer parte da realidade em Weber é dada pela captação dos nexos ou sentidos da ação social.

Para que o cientista capte os sentidos da ação social Weber (1991) apresenta o caminho da compreensão. A sociologia para o autor é uma “[...] *uma ciência voltada para a compreensão interpretativa da ação social, e por essa via, para a explicação causal dela no seu transcurso e nos seus efeitos*” (WEBER, 1991, p.3). Existem dois recursos necessários para a consecução desta ciência, quais sejam, o conhecimento nomológico (conexões e regularidades observáveis) e a construção de tipos ideais. Estes tipos são essenciais no entendimento da metodologia weberiana. “*Só mediante as formulas de ideal-tipo se chega a compreender realmente a natureza particular dos pontos de vista que interessam no caso particular, graças a um confronto entre o empírico e o ideal-tipo*”(WEBER, 1974, p.107).

## Últimas considerações

Pode-se pensar que existe posição analítica e metodológica igual entre a proposta de Bachelard em relacionar racionalismo e empirismo para dar vida ao racionalismo aplicado e ao materialismo instruído e, conseqüentemente, à objetivação; e a proposta de Weber em relacionar o tipo-ideal e o empírico para dar vida à compreensão e à explicação causal de particularidades da realidade. Acredita-se que essa possibilidade de igualdade não se confirma, já que o racionalismo metodológico dos dois autores se diferencia. Em Bachelard há uma descontinuidade e movimento dialético entre razão e experiência e, em Weber há uma continuidade e acúmulo de conhecimentos das partes da realidade via comparação entre o ideal e o empírico. O racionalismo aqui em Weber é construído em um processo contínuo afastado do mundo empírico para, depois, por um processo que visa a objetividade e a neutralidade, ser comparável às particularidades. É como se o racionalismo em Weber fosse, diferentemente de Bachelard, válido para todas as experiências no passado, presente e futuro.

Bachelard propõe uma racionalidade que não seja vazia e um empirismo que não esteja desconectado para pensar uma epistemologia que esteja em consonância com a ciência contemporânea. Uma epistemologia crítica que não pense o objeto como realidade absoluta, mas como realidade relativa. A objetivação apresentada pelo autor estaria apta a esse novo desafio em contraposição da incapacidade da objetividade e neutralidade científica.

Bachelard desenvolve o que se denomina de “filosofia do não”. As ideias deste autor são construídas por meio da retificação dos princípios e categorias que orientavam as filosofias da ciência de sua época. Para Bachelard esta filosofia da ciência não mais se adequava às exigências da ciência contemporânea, que possui um novo espírito científico. A concepção clássica da razão e da realidade deveriam ser revistas. A razão não deve se constituir como algo fechado e a realidade não deve ser vista como coisa pronta e acabada. A função da ciência não consiste em captar e reproduzir a realidade (BARBOSA; BULCÃO, 2004). Dessa maneira, a relação sujeito, objeto e método deve ser revista e inserida em uma nova forma de entender a produção de conhecimento científico, condizente com o novo espírito científico.

## OBJECTIVITY AND METHOD: POSITIVISM IN SOCIAL SCIENCES IN WEBER AND BACHELARD

### Abstract

This paper aims to understand the theoretical elements identified in Bachelard and Weber, considered relevant to reflect on the development of scientific knowledge in the social sciences. These elements are the objectivity - the relationship between subject and object is key - and the

method seen from theoretical defenses that each of the authors did in their works. The comparison of the elements that relate, objectivity and method in authors on screen, is central in identifying approaches or distancing Weber Bachelard and positivism. It is clarified that the objectivity and method are intertwined, and how we understand one, therefore changes the way you see the other. In the same vein, this article is defending the approach developed by the reflections on science and philosophy, knowledge production proposed and put into practice by the social sciences. The "separation" that is further to the understanding of these elements in Bachelard and Weber is just an effort didactic presentation of the ideas of the authors.

**Keywords:** Social sciences. Philosophy. Objectivity. Object. Subject and method.

## **LA OBJETIVIDAD Y MÉTODO: EL POSITIVISMO EM LAS CIENCIAS SOCIALES EM WEBER Y BACHELARD**

### **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo comprender los elementos teóricos identificados en Bachelard y Weber, considera relevante para reflexionar sobre el desarrollo del conocimiento científico en las ciencias sociales. Estos elementos son la objetividad - la relación entre el sujeto y el objeto es la clave - y el método de vista de las defensas teóricas que cada uno de los autores hicieron en sus obras. La comparación de los elementos que se relacionan, la objetividad y el método de los autores en la pantalla, es central en la identificación de enfoques o distanciamiento Weber Bachelard y el positivismo. Se aclara que la objetividad y el método están entrelazadas, y cómo nos entendemos, por lo tanto, cambia la forma de ver al otro. En el mismo sentido, este artículo defiende el enfoque desarrollado por las reflexiones sobre la ciencia y la filosofía, la producción de conocimiento propuesto y puesto en práctica por las ciencias sociales. La "separación" que está más a la comprensión de estos elementos en Bachelard y Weber es sólo una presentación didáctica esfuerzo de las ideas de los autores.

**Palabras clave:** Ciencias sociales. La Filosofía. La Objetividad. Objeto. Objeto y método.

### **Referências**

BACHELARD, G. *A Epistemologia*. trad. Fátima Lourenço Godinho; Mário Carmino Oliveira. Lisboa/Portugal : Edições 70, 2006.

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro : Contraponto, 1996.

COHN, G. *Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber*. São Paulo : T. A. Queiroz, 1979.

GIDDENS, A. *Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico*

e contemporâneo. Trad. Cibele Saliba Rizek. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

HABERMAS, J. *Conhecimento e interesse*: com um novo posfácio. Trad. José N. Heck. Rio de Janeiro : Guanabara, 1987.

WEBER, M. *Economia e Sociedade*: fundamentos da sociologia compreensiva. v.1. Brasília, DF : Editora Universidade de Brasília, 1991.

WEBER, M. *Sobre a teoria das ciências sociais*. Trad. Carlos Grifo BBO. Lisboa : Editorial Presença, 1974.

BARBOSA, E.; BULCÃO, M. *Bachelard*: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação. Petrópolis : Editora Vozes, 2004.

Data de recebimento: 12/12/2012

Data de aceite: 06/05/2014

**Sobre a autora:**

*Dhanyane Alves Castro* é Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Possui Mestrado em Desenvolvimento Social (2007) e Graduação em Ciências Sociais (2004) pela Universidade Estadual de Montes Claros.